

Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 4

Marcos William Kaspchak Machado
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2019



Marcos William Kaspchak Machado

(Organizador)

Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 4

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

I34 Impactos das tecnologias nas ciências humanas e sociais aplicadas
4 [recurso eletrônico] / Organizador Marcos William Kaspchak
Machado. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. –
(Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais
Aplicadas; v. 4)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-164-0

DOI 10.22533/at.ed.640191103

1. Ciências sociais aplicadas. 2. Humanidades. 3. Tecnologia.
I.Machado, Marcos William Kaspchak. II. Série.

CDD 370.1

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O livro “*Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 3*” aborda uma série de capítulos de publicação da Atena Editora, subdivididos em 4 volumes. O volume IV apresenta, em seus 33 capítulos os estudos mais recentes sobre aplicação de novos métodos na educação superior, ambiental e gestão do conhecimento.

As áreas temáticas de educação superior, educação ambiental e aplicação da gestão do conhecimento, retratam o cenário atual do desenvolvimento de novas metodologias ativas no processo educacional e seu impacto na geração de conhecimento técnico-científico.

A educação é historicamente uma ciência de propagação e disseminação de progresso, percebido no curto e longo prazo em uma sociedade. Observamos que a construção da ética, proveniente da educação e inclusão, traz resultados imediatos no ambiente em que estamos inseridos, percebidos na evolução de indicadores sociais, tecnológicos e econômicos.

Por estes motivos, o organizador e a Atena Editora registram aqui seu agradecimento aos autores dos capítulos, pela dedicação e empenho sem limites que tornaram realidade esta obra que retrata os recentes avanços inerentes ao tema.

Por fim, espero que esta obra venha a corroborar no desenvolvimento de conhecimentos e novos questionamentos a respeito do papel transformador da educação, e auxilie os estudantes e pesquisadores na imersão em novas reflexões acerca dos tópicos relevantes na área social.

Boa leitura!

Marcos William Kaspchak Machado

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ANÁLISE GERAL DO ENSINO SUPERIOR EM INSTITUIÇÕES PRIVADAS NO BRASIL A PARTIR DO ENADE (TRIÊNIO 2013-2014-2015)	
Ivan da Costa Ilhéu Fontan Renata Guimarães de Oliveira Fontan	
DOI 10.22533/at.ed.6401911031	
CAPÍTULO 2	8
SALA DE AULA INVERTIDA: DOS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS À IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR	
Anna Luiza Lemes Aleixo Leonardo Henrique Soares de Sales Paula Debortoli Lages Matarelli	
DOI 10.22533/at.ed.6401911032	
CAPÍTULO 3	17
ANÁLISE DA UTILIZAÇÃO DE METODOLOGIAS ATIVAS DE ENSINO PELOS PROFESSORES DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO DA FACULDADE DE CIÊNCIAS GERENCIAIS DE MANHUAÇU (FACIG)	
Andréia Almeida Mendes Glaucio Luciano Araujo Natalia Tomich Paiva Miranda Reginaldo Adriano de Souza Rita de Cássia Martins de Oliveira Ventura	
DOI 10.22533/at.ed.6401911033	
CAPÍTULO 4	28
ENSINO A DISTÂNCIA: METODOLOGIA E APRENDIZAGEM	
Varda Kendler Luiz Cláudio Vieira de Oliveira Mário Teixeira Reis Neto	
DOI 10.22533/at.ed.6401911034	
CAPÍTULO 5	39
O MAPA CONCEITUAL COMO UMA ATIVIDADE DIDÁTICA AVALIATIVA NO ENSINO SUPERIOR	
Graciane Silva Bruzinga Borges Eliúde Oliveira Leal Célia da Consolação Dias Gercina Ângela de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.6401911035	
CAPÍTULO 6	50
FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UMA RELEITURA DO PROCESSO FORMADOR	
Zilda Gonçalves de Carvalho Mendonça	
DOI 10.22533/at.ed.6401911036	

CAPÍTULO 7 60

FORMOÇÃO DE PROFESSORES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: 25 ANOS DO CURSO DE PEDAGOGIA NA UNIFIMES

Eleno Marques De Araújo
Vânia Maria de Oliveira Vieira
Samuel Luiz Gonzaga
Hitalo Vieira Borges
Maksoel Souza da Silva
Ramon Junior Santos da Costa

DOI 10.22533/at.ed.6401911037

CAPÍTULO 8 72

A EXPERIÊNCIA DE CRIAÇÃO DO DIRETÓRIO CIENTÍFICO DA FACULDADE DE MEDICINA DA UFMG: INOVAÇÃO E EMPREENDEDORISMO DENTRO DO CAMPO ACADÊMICO

Yuri de Castro Machado
Carmem Lages Vieira
Bernardo Soares Lacchini
Pedro Henrique Rocha Caldeira

DOI 10.22533/at.ed.6401911038

CAPÍTULO 9 79

RELATO DE EXPERIÊNCIA DOS ESTUDANTES EM LICENCIATURA EM COMPUTAÇÃO NO USO DA INFORMÁTICA COMO FERRAMENTA DE AUXÍLIO PEDAGÓGICO

Thiago Bruno Caparelli
Fabiola Nogueira Leal
Maria Diomar Ribeiro
Sandro Giulliano Bordado
Viviane Nogueira Araújo

DOI 10.22533/at.ed.6401911039

CAPÍTULO 10 83

USO DA LINGUAGEM SCRATCH NO ENSINO PARA LICENCIANDOS EM FÍSICA

Criscilla Maia Costa Rezende
Esdras Lins Bispo Júnior

DOI 10.22533/at.ed.64019110310

CAPÍTULO 11 89

DIRETRIZES PARA A FORMAÇÃO DE ENGENHEIROS: PERSPECTIVAS DE UMA FORMAÇÃO SISTÊMICA

Rosaria da Paixão Trindade
Maria do Socorro Costa São Mateus

DOI 10.22533/at.ed.64019110311

CAPÍTULO 12 100

COMBINAÇÃO DE TECNOLOGIAS DE ENSINO E PESQUISA EM ENGENHARIA MECÂNICA

Fernando Coelho
Gilberto de Magalhães Bento Gonçalves

DOI 10.22533/at.ed.64019110312

CAPÍTULO 13 110

O USO DAS TICS NO ENSINO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA

Jéssica da Silva Guimarães
Paulo Vitor Teodoro de Souza
Simara Maria Tavares Nunes

DOI 10.22533/at.ed.64019110313

CAPÍTULO 14 118

PROCESSO DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NO PPGSS/UFPB NA DÉCADA DE 1990:
UMA ANÁLISE A PARTIR DAS DISSERTAÇÕES DE MESTRADO VINCULADAS À ÁREA DE
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-PRÁTICA DO SERVIÇO SOCIAL

Lucicleide Cândido dos Santos
Bernadete de Lourdes Figueiredo de Almeida

DOI 10.22533/at.ed.64019110314

CAPÍTULO 15 131

O PROCESSO DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NO PPGSS/UFPB NOS ANOS 2000:
UMA ANÁLISE A PARTIR DAS DISSERTAÇÕES DE MESTRADO VINCULADAS À ÁREA DE
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-PRÁTICA DO SERVIÇO SOCIAL

Bernadete de Lourdes Figueiredo de Almeida
Lucicleide Cândido dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.64019110315

CAPÍTULO 16 146

A PROMESSA DE CO-AUTORIA: A INTEGRAÇÃO DE CONTEÚDO GERADO POR USUÁRIOS
COMO ESTRATÉGIA DE ENGAJAMENTO E CIRCULAÇÃO NO AMBIENTE DIGITAL

André Bomfim dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.64019110316

CAPÍTULO 17 158

ACESSO À INFORMAÇÃO PÚBLICA NOS ESTADOS-MEMBROS DA COMUNIDADE DE PAÍSES DE
LÍNGUA PORTUGUESA

Flávio de Lima Queiroz

DOI 10.22533/at.ed.64019110317

CAPÍTULO 18 180

CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL NO ENSINO DE QUÍMICA: ABORDAGEM DO TEMA RESÍDUOS
NA AGRICULTURA

Juliano da Silva Martins Almeida
Geize Kelle Nunes Ribeiro
Pedro Augusto Sardinha Silva
Camila Alves de Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.64019110318

CAPÍTULO 19 191

GERMINAÇÃO DE SEMENTES DE *Psidium guajava* L. ORGÂNICA SOB DIFERENTES TRATAMENTOS DE QUEBRA DE DORMÊNCIA

Teonis Batista da Silva
Flavia Cartaxo Ramalho Vilar
Marcelo de Campos Pereira
Adelmo Carvalho Santana
Bruno Emanuel Souza Coelho
Ricardo Cartaxo Ramalho

DOI 10.22533/at.ed.64019110319

CAPÍTULO 20 196

QUÍMICA AMBIENTAL NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO: TRATANDO ÁGUA NOS TERRITÓRIOS SERTÃO PRODUTIVO BAIANO E VELHO CHICO COM SEMENTES DE *MORINGA OLEÍFERA* LAM

Marizângela Ribeiro dos Santos
Rodrigo Neves Araújo
Émille Karoline Santiago Cruz
Joás Ferreira de Souza

DOI 10.22533/at.ed.64019110320

CAPÍTULO 21 210

REMOÇÃO DE COR EM EFLUENTE DA LAVAGEM DE CARROS UTILIZANDO TANINO COMO COAGULANTE

Renata Luiza Lisboa Carlos
Larissa Fernandes da Silva
Juciane Vieira de Assis
Yáskara Fabíola de Monteiro Marques Leite

DOI 10.22533/at.ed.64019110321

CAPÍTULO 22 218

AÇÕES EDUCATIVAS NÃO FORMALIZADAS EM AMBIENTE LABORAL: ESTUDO EXPLORATÓRIO EM EMPRESA AGROINDUSTRIAL DE ALIMENTOS

Rosângela Lopes Borges
Cinthia Maria Felício
Marcos Fernandes-Sobrinho

DOI 10.22533/at.ed.64019110322

CAPÍTULO 23 228

BENEFICIAMENTO DO FRUTO DE TAMARINDO POR MEIO DE DESIDRATADOR SOLAR DE BAIXO CUSTO

Marlene Gomes de Farias
Rauene Raimunda de Sousa
Mirelle de Moura Sousa
Rafael de Sousa Nobre
Albemerg Moura de Moraes
Julianne Viana Freire Portela

DOI 10.22533/at.ed.64019110323

CAPÍTULO 24	239
QUALIDADE DA ÁGUA COMO TEMA ORGANIZADOR DE APRENDIZAGEM NO ENSINO DE QUÍMICA	
Geize Kelle Nunes Ribeiro	
Juliano da Silva Martins de Almeida	
Camila Alves de Carvalho	
Pedro Augusto Sardinha Silva	
DOI 10.22533/at.ed.64019110324	
CAPÍTULO 25	249
TEORIA BIOECOLÓGICA DO DESENVOLVIMENTO E O PROCESSO DE INTERSETORIALIDADE NO PROGRAMA SAÚDE NA ESCOLA	
Fatima Arthuzo Pinto	
Marluce Auxiliadora Borges Glaus Leão	
Renato de Sousa Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.64019110325	
CAPÍTULO 26	264
REAPROVEITAMENTO DE RADIOGRAFIAS - FASE 2: UMA PROPOSTA PARA A COOPERATIVA ESCOLA DE ALUNOS DO IFTM – <i>CAMPUS</i> UBERLÂNDIA.	
Marília Cândida de Oliveira	
Ângela Pereira da Silva Oliveira	
José Antônio Pereira	
Juvenal Caetano de Barcelos	
Willian Santos de Souza	
Isabela Mendes da Silva	
Antônio Luiz da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.64019110326	
CAPÍTULO 27	269
PROJETO DE LIXOS ELETRÔNICOS E ROBÓTICA: UM EXEMPLO INTERDISCIPLINAR E SUSTENTÁVEL	
Gáudia Maria Costa Leite Pereira	
João Batista de Oliveira	
José Edilson de Moura Santos	
DOI 10.22533/at.ed.64019110327	
CAPÍTULO 28	281
ENSINO SOBRE MOLUSCOS TRANSMISSORES DE DOENÇAS PARA ALUNOS DO ENSINO MÉDIO	
Patrícia Batista de Oliveira	
Lorena Souza Castro	
DOI 10.22533/at.ed.64019110328	
CAPÍTULO 29	288
GERAÇÃO Z: PROBLEMÁTICAS DO USO DA INTERNET NA EDUCAÇÃO ESCOLAR	
Alexandra Dantas Teixeira	
Bruno Oliveira Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.64019110329	

CAPÍTULO 30	302
PERSPECTIVA DO GÊNERO TEATRAL COMO RECURSO EDUCACIONAL PARA O ENSINO/ APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA	
Maiele Sousa Silva Lima Natália Leão Prudente	
DOI 10.22533/at.ed.64019110330	
CAPÍTULO 31	309
A LITERATURA COMO RESGATE DA CULTURA CEDRINA: HISTÓRIAS DE UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA EM GOIÁS, BRASIL	
Tânia Regina Vieira Maria Luiza Batista Bretas Tatianne Silva Santos	
DOI 10.22533/at.ed.64019110331	
CAPÍTULO 32	324
A PRESENÇA DA DANÇA NOS CENTROS MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO INFANTIL DE GOIÂNIA	
Fernanda de Souza Almeida Priscilla Gomes Coelho Andreza Lucena Minervino de Sá	
DOI 10.22533/at.ed.64019110332	
CAPÍTULO 33	338
CULTURA QUILOMBOLA DO CEDRO EM PERSPECTIVA INTERCULTURAL NO ENSINO BÁSICO	
Tatianne Silva Santos Maria Luiza Batista Bretas Matias Noll Tânia Regina Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.64019110333	
SOBRE O ORGANIZADOR	345

AÇÕES EDUCATIVAS NÃO FORMALIZADAS EM AMBIENTE LABORAL: ESTUDO EXPLORATÓRIO EM EMPRESA AGROINDUSTRIAL DE ALIMENTOS

Rosângela Lopes Borges

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional Tecnológica (ProfEPT/IF Goiano)
Rio Quente/GO

Cinthia Maria Felicio

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano – Campus Morrinhos
Morrinhos/GO

Marcos Fernandes-Sobrinho

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano – Campus Urutaí; Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional Tecnológica (ProfEPT/IF Goiano); Programa de Pós-Graduação em Gestão Organizacional da Universidade Federal de Catalão (PPGGO/UFCat)
Urutaí/GO

RESUMO: Processos educacionais acontecem durante toda a vida e em todos os espaços. A educação, seja formal, informal ou não formal apresenta interseções, apesar de objetivos distintos por vezes, visam a preparação dos indivíduos para viverem melhor em sociedade, buscando condições de equidade e promoção de melhorias, sejam no ambiente, na qualidade de vida ou na qualificação para o trabalho, por exemplo. Com o objetivo de entender mais sobre como pode acontecer a educação não formal no ambiente laboral, foi realizada uma investigação

qualitativa, utilizando dois instrumentos de coleta de dados, um questionário composto de 12 questões e um formulário com 9 questões elaboradas no *Google Forms*, ambos com questões abertas e fechadas, respondidos pela analista de comunicação em uma empresa agroindustrial de alimentos situada no interior goiano, integrante de equipe formada por cinco pessoas responsáveis por organizar os treinamentos e outras atividades de educação não formal. As ações educativas realizadas neste espaço, acontecem com treinamentos nos mais diversos setores da empresa aos seus 1.500 funcionários e alguns exemplos foram apresentados, como o “Projeto Acolhida”; “Projeto nas Escolas”; “Projeto Carnaval com Saúde”; promove ainda programas antitabagismo, controle da obesidade e hipertensão em parceria com a Unimed. Apesar de a empresa atender a questão legal de contratação de colaboradores com deficiência, ainda não tinham previsto nenhuma ação para inclusão social e atitudinal. A educação não formal pode contemplar diversos aspectos da vida humana e pode acontecer no ambiente de trabalho com ações para melhorias no trabalho, na vida das pessoas.

PALAVRAS CHAVE: Espaços educativos. Educação para o trabalho. Inclusão atitudinal.

ABSTRACT: Educational processes happen

throughout life and in all spaces. Education, whether formal, informal or non-formal, presents intersections, although distinct objectives are sometimes aimed at preparing individuals to live better in society, seeking fair conditions and promoting improvements, whether in the environment, quality of life or qualification for work, for example. In order to understand more about non-formal education in the work environment, a qualitative research was carried out using two data collection instruments, a questionnaire composed of 12 questions and a form with 9 questions elaborated in Google Forms, both with open and closed questions answered by the communication analyst in an agro-industrial food company located in the interior of Goiás, a team of five people responsible for organizing training and other non-formal education activities. The educational actions taken in this space, happen with training in the most diverse sectors of the company to its 1,500 employees and some examples were presented, such as the “Project Welcomed”; “Project in Schools”; “Carnival with Health Project”; also promotes anti-smoking programs, obesity control and hypertension in partnership with Unimed. Although the company addressed the legal issue of hiring employees with disabilities, they had not yet envisaged any action for social and attitudinal inclusion. Non-formal education can contemplate various aspects of human life and can happen in the workplace with actions for improvements in work, in people’s lives.

KEYWORDS: Educational spaces. Education for work. Attitudinal inclusion

1 | INTRODUÇÃO

A educação é um dos requisitos básicos para que o indivíduo tenha acesso aos serviços disponíveis na sociedade e possa exercer sua cidadania. Negar o acesso a esse direito implica, em geral, negar direitos humanos fundamentais. Esse direito basilar, no entanto, tem sido, muitas vezes, restrito ao âmbito escolar e negligenciado nas suas demais formas.

No fim da década de 60, no entanto, a educação não formal se tornou parte do discurso internacional em políticas educacionais (SMITH, 1996) e focava as necessidades de grupos em desvantagens, com propósitos notadamente definidos e flexíveis quanto à organização e métodos. Nesse momento, o sistema de educação formal, sobretudo de países em desenvolvimento, não se adaptava às mudanças socioeconômicas em curso na mesma rapidez [dessas mudanças], o que requereu dos diferentes setores da sociedade articulações ao enfrentamento de novas demandas por parte dela.

O documento da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), de 1972, *Learning to be: the Faure report* firmou metas quanto à “educação ao longo da vida” (*lifelong education*) e à “sociedade de aprendizagem” (*learning society*). Esse documento exerceu forte influência à divisão do sistema educacional em três grupos categoriais, antes problematizadas por Smith (1996) em seu texto, definidas da seguinte forma:

[...] educação formal: sistema de educação hierarquicamente estruturado e cronologicamente graduado, da escola primária à universidade, incluindo os estudos acadêmicos e as variedades de programas especializados e de instituições de treinamento técnico e profissional; educação não formal: qualquer atividade organizada fora do sistema formal de educação, operando separadamente ou como parte de uma atividade mais ampla, que pretende servir a clientes previamente identificados como aprendizes e que possui objetivos de aprendizagem; - educação informal: verdadeiro processo realizado ao longo da vida em que cada indivíduo adquire atitudes, valores, procedimentos e conhecimentos da experiência cotidiana e das influências educativas de seu meio - da família, no trabalho, no lazer e nas diversas mídias de massa (MARANDINO, 2017, p. 812).

Trilla (2008, p. 33), também fala em “tripartição do universo educativo”. Para este autor a educação igualmente pode ser dividida em “formal”, “não formal” e “informal”, apesar de considerar muito difícil distinguir as fronteiras para precisar onde começa uma e termina a outra, nas complexas situações da vida.

Assim, as ideias de Morandino (2017) e Trilla (2008) convergem quanto ao conceito da educação informal, ao trazerem exemplos desta como sendo aquela que o indivíduo recebe desde o seu nascimento, quando os pais ensinam seus filhos como comer, como falar, arrumar a casa, realizar uma brincadeira ou jogar. Complementam ainda, que esta educação não tem espaços e horários fixos e nem é separada do seu cotidiano, porém ela é a base de todas as outras e perdura por toda a vida do indivíduo.

Neste sentido, não se pode restringir a educação a um lugar apenas. Ela ocorre desde o nascimento do ser humano, no seio familiar, com a convivência diária e as transmissões dos costumes dos pais para os filhos. A esse tipo de instrução os autores que embasam esse trabalho intitulam-na como sendo educação informal. De maneira mais simples, ela ocorre durante o processo de socialização do indivíduo.

No caso da educação não formal, não há um professor especificamente, no entanto, há o envolvimento de um “educador” que assume a responsabilidade de desenvolver atividades para mediar processos de ensino-aprendizado. E é justamente na intencionalidade de se ensinar que esta se difere da educação informal.

A educação não formal, foco deste trabalho, é aquela que abre “janelas” para o mundo em que o indivíduo circunda. Gerada da própria necessidade da sociedade, ela educa para a civilidade. Daí as divisões que vão surgindo como: educação para a saúde, para o trânsito, para o meio ambiente, para o trabalho, educação sexual entre outras.

O objetivo deste trabalho de pesquisa foi averiguar como ocorre a educação não formal, dentro de determinada empresa de processamento de alimentos de origem animal no interior do estado de Goiás e que servirá de contexto para compreensão desta modalidade de educação e estabelecimento de algumas reflexões críticas sobre o constado no âmbito da educação para o trabalho e outros abordados pela empresa investigada.

2 | EDUCAÇÃO FORMAL, NÃO FORMAL E INFORMAL

Partindo do pressuposto ético de que todo ser humano tem o direito à educação, e isto segue escrito na Constituição Federal brasileira, de 1988. No entanto, esse direito tem se limitado ao nível básico de escolarização, obrigatório e gratuito, muitas vezes sendo comercializado, como uma mercadoria. Gadotti (2005) defende que esse direito deve se estender ao longo de toda a vida, não se restringindo à permanência do educando no ambiente escolar.

Dessa forma, deve-se entender a educação sob outros olhares. Freire (1997, p. 50) fala da importância das experiências informais “[...] nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios [...]” como parte da formação dos seres humanos.

O termo educação não formal, de acordo com Garcia (2010), teve seu início juntamente com uma crise no sistema escolar. Tal sistema fora compreendido como impossibilitado de responder a todas as demandas de formação e socialização humana. Essa questão envolvia a necessidade de se ensinar sobre meio ambiente, trânsito e orientação sexual, por exemplo, daí o surgimento dos chamados Temas Transversais dentro do âmbito escolar e que estão apresentados nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1997, 1998 e 2000).

Para Garcia (2010), outro fator que interferiu no crescimento da educação não formal foram as exigências das indústrias e a evolução dos meios de comunicação. Percebeu-se que havia distância entre a formação do trabalhador e as mudanças no mercado profissional. Já a televisão, e em especial a *internet* fizeram com que se percebesse que a educação não era um monopólio da escola e da família.

Foi a partir do momento em que se percebeu que a escola e a família já não davam conta da realidade social atual é que surgiu a educação não formal. Tanto o ambiente familiar quanto o de trabalho foram modificando-se com o passar do tempo.

Uma questão difícil de se estabelecer de forma definitiva e que precisa ser considerada, seria onde começa a educação formal e termina a informal? E neste universo ainda precisa ser considerada a educação não formal. Considera-se a intencionalidade um critério que pode a princípio distinguir a educação formal e não formal daquela que acontece informalmente. No entanto, isto é difícil de delimitar em alguns casos, onde apesar de ainda poder ser considerada informal, a educação dos pais para com os filhos, de maneiras diversas, seja intencional (TRILLA, 2008).

Assim, resta entender, portanto, que a educação pode ocorrer de maneira formal, quando são oferecidas em ambientes escolares ou acadêmicos, e também, de maneira não formal como definida por Trilla (2008, p. 42) em que o autor considera, como conceito de educação não formal, “[...] o conjunto de processos, meios e instituições específicas e diferenciadamente concebidos em função de objetivos explícitos de formação ou de instrução não diretamente voltados à outorga de graus próprios do sistema educacional regrado.”.

Essa definição apresenta, conforme problematizado pelo autor, a existência de fronteiras muito próximas entre uma e outra maneira em se pensar a educação. E por mais que se busquem critérios que possam caracterizar uma e outra, há sempre algum aspecto que demanda uma nova perspectiva de visão a se considerar. Assim sendo, em determinadas épocas ou culturas são aceitos critérios de especificidade ou diferenciação que incluem e delimitam um tipo de educação em uma ou outra destas formas, conforme a cultura ou aspectos legais vigentes (TRILLA, 2008).

Neste sentido, Gadotti (2005) argumenta que toda educação é, de certa forma, educação formal, no sentido de ser intencional, mas o cenário pode ser diferente. Tanto a educação formal quanto a não formal podem emitir certificados, o que muda é o espaço (lugar) e o tempo (flexível ou não). Por isso, não se deve estabelecer fronteiras muitas rígidas entre essas duas modalidades, pois conforme já foi dito, os próprios currículos escolares podem abordar a educação não formal, nas relações interpessoais, sociais e humanas, na interação com a natureza, o meio ambiente e com aquilo que faz sentido para as nossas vidas.

A educação não formal, por exemplo, designa um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho; desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem às pessoas fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista da compreensão do que se passa ao seu redor. Em suma, a educação não formal é vista como um dos núcleos básicos de uma Pedagogia Social (GOHN, 2006a).

Gohn (2006b) explica quem são os educadores nos três tipos de educação da seguinte maneira:

Na educação formal sabemos que são os professores. Na não-formal, o grande educador é o "outro", aquele com quem interagimos ou nos integramos. Na educação informal, os agentes educadores são os pais, a família em geral, os amigos, os vizinhos, colegas de escola, a igreja paroquial, os meios de comunicação de massa, etc. (GOHN, 2006b, p. 29).

Asenjo, Asensio e Rodríguez-Moneo (2012) definem a educação informal como aquela que abarca tudo aquilo que a educação não formal e a formal conseguem alcançar. Estes autores alertam ainda que a finalidade de qualquer programa educacional é acender algum tipo de aprendizado em seu público, assim sendo, embora os processos de ensino e aprendizagem sejam diferentes, eles não são totalmente independentes.

Calado (2014) discute em seu texto sobre a importância da educação não formal para a inclusão social. Para ele, programas que desenvolvem o ensino e a aprendizagem em comunidades marginalizadas trazem grandes resultados que permitem reduzir as restrições que limitam a capacidade de fazermos escolhas. As competências adquiridas durante este processo serão a base de cidadãos, crescendo em igualdade de oportunidades.

Outro exemplo de inclusão social por meio da educação não formal pode ser visto no texto de Toledo (2009). A autora explicita sobre uma ação realizada na cidade de São Vicente-SP, intitulado “Projeto Arte no Dique”. Neste local, é efetivado um trabalho sociocultural com uma população carente, formada por pessoas de diferentes idades e procedências. Por meio de oficinas temáticas de arte, música, teatro e etc., os envolvidos proporcionam aqueles que estão à margem da sociedade a chance de se verem incluídos nela.

3 | METODOLOGIA

Num primeiro momento, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, buscando embasamento teórico sobre a educação formal e não formal, tomando como base: livros, artigos, teses, revistas, com um recorte temporal de 2005 a 2017. No segundo momento, foi realizada a pesquisa de campo, que quanto à sua natureza, consiste no estudo de fenômenos sem a intervenção sistemática do pesquisador e que, por isso, não é experimental. Pretende-se levantar dados qualitativos, em relação à educação não formal, tendo-se então uma pesquisa de natureza qualitativa.

De acordo com Lakatos e Marconi (2003), quanto aos objetivos, a pesquisa explicativa registra fatos, analisa-os, interpreta-os e identifica suas causas. Compreende-se, então, que seja a mais adequada, já que se pretendeu levantar dados a respeito da educação não formal e avaliá-los posteriormente.

Em relação ao tempo da pesquisa, adota-se o conceito de Gil (2008) de estudo transversal. Isso porque a pesquisa de campo foi realizada em um curto período de tempo ou num determinado momento, período este necessário para a aplicação do questionário.

Como ferramenta de coleta de dados, utilizou-se o questionário que, segundo Lakatos e Marconi (2003, p. 21), é um instrumento “[...] constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”. E para recolher informações prévias sobre o campo de interesse e levantamento de dados, foi utilizado o Google Formulários aplicado à Analista de Comunicação da empresa Agroindustrial de Alimentos, situada no interior de Goiás.

Ambos os instrumentos eram compostos por questões mistas. O questionário continha 12 questões, sendo que três eram fechadas e nove eram abertas. Já o formulário continha nove questões sendo que quatro eram fechadas e cinco eram abertas. Todos os encontros com a entrevistada foram gravados com autorização após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

4 | DESENVOLVIMENTO E RESULTADOS

A empresa agroindustrial de alimentos é um complexo industrial composto por fábricas de rações para aves, granjas de matrizes, incubatório e frigorífico que abate

cerca de 300 mil frangos por dia. A empresa produz uma grande quantidade (200 toneladas) e variedade de derivados, congelados e resfriados diariamente. Sendo estes comercializados em todas as regiões do Brasil e também no exterior.

A entrevistada tem 35 anos, há quatro anos ocupa o cargo de Analista de Comunicação da Agroindústria de Alimentos, em estudo. É licenciada em Geografia e Pós-graduada em Comunicação Organizacional e Relações Públicas. Segundo ela, trabalha no Departamento de Comunicação, atuando com as comunicações interna e externa, criação e desenvolvimento de projetos na área social e educacional, promoção de eventos corporativos, elaboração de textos e monitoramento da marca nas mídias sociais.

A Analista relatou que são oferecidos cursos, treinamentos, eventos culturais e educativos para cerca de 1.500 colaboradores. Dentre eles, o “Projeto Acolhida” que oferece cursos de qualificação profissional para os colaboradores em parceria com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) e o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), além de acolher os novos funcionários, monitorando as etapas de adaptação e do desenvolvimento profissional.

Há também uma proposta desta Empresa que denominaremos “Projeto nas Escolas” que atende estudantes em diferentes etapas de formação (escolas e universidades), contemplando visitas monitoradas e experiências educativas em diferentes empresas do Grupo. Ressalta-se que há um gama de empresas como: fazendas, granjas, frigoríficos, fábrica de óleos vegetais, moinho de calcário, armazéns gerais, fazendas, posto de combustível, transportadora, plantações de eucalipto e etc.

De acordo com a Analista de Comunicação, a equipe que promove essa educação não formal é composta por cinco pessoas que buscam: “[...] a capacitação dos indivíduos para o trabalho; o desenvolvimento de potencialidades; o compartilhamento de experiências e uma aprendizagem que capacite os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários.”.

A empresa, segundo a entrevistada tem uma grande preocupação com o meio ambiente, e por isso, promove reciclagem do lixo produzido, faz tratamentos da água e do efluente, usa apenas eucalipto reflorestado. Além disso, promove ações educativas coordenadas por uma engenheira ambiental, como palestras sobre sustentabilidade e uso consciente da água aos funcionários de todos os setores.

A preocupação com a saúde de seus colaboradores, bem como com a comunidade, faz com que a Empresa de Alimentos ofereça também como educação não formal programas de antitabagismo, controle da obesidade e hipertensão em parceria com a Confederação Nacional das Cooperativas Médicas (Unimed). Além disso, os restaurantes da empresa, em parceria com uma empresa multinacional que produz alimentos nutricionais, possuem uma equipe de profissionais que oferecem alimentação balanceada e saudável aos colaboradores da Empresa, assim buscam promover uma cultura que associe preocupações com valores nutricionais, saúde e qualidade de vida a seus colaboradores.

Durante o mês de fevereiro, período que antecede o Carnaval em cada ano, é oferecido aos funcionários do Grupo um projeto com a temática “Carnaval com saúde”. De acordo com a Analista, promove palestras sobre a importância do uso de preservativos e a realização do sexo seguro, além de distribuir camisinhas gratuitamente.

Apesar de ter sido relatado que há a presença de várias pessoas com deficiência dentre elas: mobilidade reduzida, surdez, Síndrome de Down e cadeirantes (como exige a Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991, que estabelece, no Artigo 93, contratação de pessoas com deficiência nas empresas), não foi possível averiguar se há um trabalho de inclusão social dentro da empresa. Averiguou-se apenas que a empresa não promove uma ação de inclusão social e atitudinal.

Os projetos sociais educativos ou “[...] associativismo brasileiro no meio popular [...]” são trabalhos realizados sob a “bandeira da inclusão social” e que se configuram como a prática da educação não formal (GOHN, 2009, p. 30). Para a autora, a educação não formal abrange o exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos. Daí advém a importância do trabalho de inclusão social e atitudinal dentro das empresas.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois da pesquisa bibliográfica e da pesquisa de campo, pode-se entender melhor a importância que a educação tem fora do ambiente escolar formal. Não podendo ser limitada apenas a esses ambientes, mas compreendida como ensino cotidiano capaz de preparar o ser humano para viver melhor na sociedade.

Inferimos que seja possível que as empresas possam oferecer uma educação não formal, de qualidade. Que sejam capazes não só de capacitar profissionalmente os seus colaboradores, mas também, possa influenciar novos comportamentos, novas maneiras de pensar e, conseqüentemente, mudar até mesmo a cultura. Especificamente na empresa pesquisada, percebeu-se que é uma instituição que se preocupa com a natureza, saúde, alimentação, bem estar físico e psíquico de seus funcionários. Fazendo uso da educação não formal para promover neles novos hábitos e promover uma vida mais saudável em sociedade.

Vale ressaltar que a inclusão social é uma meta do mundo inteiro, e a barreira às pessoas com deficiência não está nelas e sim na capacidade de lhes propiciar oportunidades. Entendemos que ações educativas como as identificadas no campo desta pesquisa diminuem fatores de segregação socioeconômica. Além disso, a educação não formal, em formato de projetos socioeducativos, promove a integração das classes marginalizadas na sociedade, e possibilita ao trabalhar uma vida mais digna e igualitária.

Entre as dificuldades encontradas ao desenvolvimento deste estudo, realçamos a dificuldade de acesso aos colaboradores, o que, sobremaneira, trouxe-nos limitações quanto ao detalhamento das informações, vez que se mostrou unilateral. Esperamos, com esta publicação provocar entre colegas, novos estudos com o intuito de avançar nas práticas educativas não formalizadas, no contexto corporativo das organizações.

REFERÊNCIAS

ASENJO, Elena; ASENSIO, Mikel; RODRÍGUEZ-MONEO, María. **Aprendizaje informal**. 2012. SIAM. Series Iberoamericanas de Museología. Vol. 2. Repositorio Universidad Autónoma de Madrid.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais: Meio Ambiente: Saúde**. Secretaria de Educação Fundamental. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

BRASIL. Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991. **Dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social e dá outras providências**. Diário Oficial da União, Brasília-DF, jul, 1991.

BRASIL Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: meio ambiente e saúde**. Brasília, DF, 1997. 128p.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais, ética**. Brasília: MEC/SEF, 1998. 44 p.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual**. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. 164 p.

CALADO, Pedro. **O papel da educação não-formal na inclusão social: a experiência do programa escolhas**. Revista Interações, n. 29, pp. 60-94 (2014). Disponível em: <<http://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/viewFile/3922/2952>>. Acesso em: 30 fev. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GADOTTI, Moacir. **A Questão da Educação Formal/Não-Formal**. Institut International des Droits de L'enfant (IDE) Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes ou problème sans solution? Sion (Suisse), 18 au 22 octobre 2005. Disponível em: <http://www.vdl.ufc.br/solar/aula_link/lquim/A_a_H/estrutura_pol_gest_educacional/aula_01/imagens/01/Educacao_Formal_Nao_Form_al_2005.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2018.

GARCIA, Valéria Aroeira. **Histórico da educação não-formal**. 2010. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:E4XJizFHsjJ:www.ufscar.br/~crepa/crepa/praticas/HISTORICO_DA_EDUCACAO_NAO_FORMAL.doc+&cd=4&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 30 fev. 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal na pedagogia social**. 1 Congr. Intern. Pedagogia Social Mar. 2006a. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC000000092006000100034&script=sci_arttext>. Acesso em: 20 fev. 2018.

_____. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006b.

_____. Educação não-formal, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social. **Revista do Mestrado Profissional em Avaliação da Fundação Cesgranrio**. v. 1, n. 1 (2009).

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Mariana de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARANDINO, Martha. Faz sentido ainda propor a separação entre os termos educação formal, não formal e informal? *Ciênc. educ. (Bauru)*, Bauru, v. 23, n. 4, p. 811-816, Dec. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132017000400811&lng=en&nrm=i>. Acesso em: 31 Mar. 2018.

SMITH, M. K. What is non-formal education? 1996. Disponível em: <<http://www.infed.org/biblio/b-nonfor.htm>>. Acesso em: 31 mar. 2018.

TOLEDO, Valéria Diniz. Inclusão social na educação não formal: o instituto arte no dique como experiência alternativa diante da crise do ensino escola. **Revista de Educação PUC-Campinas**, Campinas, n. 27, p. 75-86, Jul./Dez. 2009.

TRILLA, Jaume. A educação não formal. In: ARANTES, Valéria Amorim. (org.) **Educação formal e não formal: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2008. p.9-45.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura. **Learning to be: The world of education today and tomorrow**. 1972. Disponível em: <http://www.unesco.org/education/pdf/15_60.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2018.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-164-0

